À musa Portuguesa

Sendo eu um poeta de Lisboa
Porque é parca, a minha rima?
Fluxo inspiratório: A concubina
que observo, e me atordoa

Camões, Bocage e Pessoa
Poetas da génese, feminina
Contemplo a face mais divina
que me inspira, e me afeiçoa

Observo os traços magicais
Sublimes gestos, com que suspiro
Hirtos seios divinais

Douto Poeta, mero indivíduo
Nádegas fenomenais
Dedico-lhe este soberbo hino

Amor carnal

Amo a mulher exuberante
A extrovertida, a recatada
A mulher livre enclausurada
nesse prostíbulo distante

Preconizas-te como amada
nesse acto fustigante
E este coito errante
desvanece-se na alvorada

És a deusa dos sentidos
A que evoca a sensação
Os homens por ti perdidos

Refugiam-se na paixão
Posto isto, sucumbidos
à inevitável desilusão

Terna volúpia

Adoro as ternas volúpias
Os beijos sequiosos, sublimes
Os seios divinos e firmes
que beijo nas noites de núpcias

A terna paixão infindável
que amo nesse amor carnal
Sou uma besta racional
que anseia o toque afável

Beijo-te o lábio prazeroso
Damos o laço divino
Sou o amante ocioso

Cantamos o épico, o Hino
Do afecto pausado, formoso
Fecundidade de menino

Soneto à luxuriante Lua

Ó lua que estás tão alta
Lua brilhante da imensidão
que evoca o coração
e o desejo que me faz falta

És por quem a mulher se pauta
És quem renega a escuridão
Astro passivo de eleição
A cruz cristã, a cruz de Malta

Quando cheia és reluzente
Levas homens à loucura
Quando nova és deprimente

A escuridão e a lonjura
Mas se nova és, espero o crescente
Amar-te assim cândida e pura

Audaz primazia

Os escritos cravados na carne
São tatuagens indeléveis
Amor e ódio tão férteis
Não saram a ferida que arde

Sou eu, o regente cobarde
Ostento os falos erécteis
São aves, rastejam, são répteis
Na alvorada contemplo a Tarde

Sou aquele que ninguém quer ser
Sou a calma tempestade
Quero ver Roma a arder

Qual Nero em sobriedade
Sarem-me a dor ao padecer
Sou Primaz: A Cristandade

Dócil negrura

Não, aqui não minto
Erróneas palavras que descrevo
Apenas receio o prescrevo
Apenas afasto o que pressinto

Vinho: cor do sangue, apenas tinto
Pois do sangue que aqui escrevo
É o ardor vermelho que elevo
É a carne, o ardor que sinto

Negras peles que procurei
Negras carnes que pressenti
São negros os seios que toquei

Sublimo o momento que vivi
Negros braços que abracei
Em negro corpo me perdi